

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

MATHEUS DE FREITAS PEREIRA

O GOLPE MILITAR E A PERSPECTIVA DA IMPRENSA DE CRICIÚMA

CRICIÚMA

2014

MATHEUS DE FREITAS PEREIRA

O GOLPE MILITAR E A PERSPECTIVA DA IMPRENSA DE CRICIÚMA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado no curso de História, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador (a): Prof. Msc. Tiago da Silva Coelho.

CRICIÚMA

2014

MATHEUS DE FREITAS PEREIRA

O GOLPE MILITAR E A PERSPECTIVA DA IMPRENSA DE CRICIÚMA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel e Licenciado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, 05 de Dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Tiago da Silva Coelho – Mestre – (UNESC) - Orientador

Prof. João Henrique Zanelatto – Doutor – (UNESC)

Prof. Gilvan de França – Especialista – (UNESC)

Dedico este trabalho a Deus, primeiramente, pois é essencial em minha vida; autor de meu destino, meu guia e socorro, presente na hora da angústia. E, em especial à minha amada e maravilhosa esposa Franciele que esteve comigo durante todo o processo de estudo, nesses quatro anos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado força para superar todas as dificuldades no processo deste trabalho.

À Universidade do Extremo Sul Catarinense, seu corpo docente e coordenação do curso de História, que me oportunizaram novos horizontes.

Ao meu orientador Tiago da Silva Coelho, pelo seu suporte no pouco tempo que lhe coube, assim como pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais, minhas irmãs, meus sogros e minha cunhada, pelo grande incentivo durante todo o curso.

À minha esposa, que esteve comigo durante esses quatro anos, me animando e ajudando em todos os momentos, te amo.

E finalmente, a todos que de alguma forma fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“A imprensa livre é o olhar onipotente do povo, a confiança personalizada do povo nele mesmo, o vínculo articulado que une o indivíduo ao Estado e ao mundo, a cultura incorporada que transforma lutas materiais em lutas intelectuais, e idealiza suas formas brutas”.

Karl Marx

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo, propor uma análise acerca da perspectiva da imprensa de Criciúma sobre o golpe instaurado no Brasil em 1964, mais precisamente através do jornal impresso Tribuna Criciumense. Analisa-se o posicionamento do jornal durante o período anterior ao golpe, abordando questões relacionadas à política, partindo sempre do que o próprio Jornal vinha passando ao povo como verdade. Deste modo objetiva-se perceber as intenções e propósitos, como as mídias nacionais encararam esse momento de choque, entre o governo de Jango e o golpe e como isso ocorre em Criciúma. Para compreender o período é necessário uma reflexão que aponte os principais aspectos, vivenciado pelos brasileiros, com isso, mostrar o sistema político autoritário implantado no país.

Palavras-chave: Imprensa. Golpe. Tribuna Criciumense. Criciúma.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - VINTE POR CENTO: Aumento aos Mineiros.....	35
Figura 2 - Democracia Aplaudida em Criciúma.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACLe	Academia Criciumense de Letras
CGT	Comando Geral dos Trabalhadores
IPES	Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
UDN	União Democrática Nacional
UNE	União Nacional Estudantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O PAPEL DA IMPRENSA NA CONSTRUÇÃO DO GOLPE	14
2.1 ANTECEDENTES AO GOLPE	15
2.2 GOLPE INSTAURADO.....	22
3 A REPRESENTAÇÃO DO GOLPE NA IMPRENSA E SEUS PRINCIPAIS ARGUMENTOS	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

A ditadura civil-militar é algo instigante, em que a pesquisa sobre a mesma nos traz a memória daqueles que lutaram em favor da democracia, dos direitos de cada indivíduo perante a sociedade, em que muitos foram mortos, outros sumiram, tidos como desaparecidos políticos, omitindo muitas vezes algumas informações à população.

A atual pesquisa que permeia este trabalho está ligada intrinsecamente à política brasileira, às experiências vividas por nosso país, relacionando o golpe civil-militar de 1964 à perspectiva da imprensa, de como a mesma tratou sobre os últimos momentos anteriores ao golpe, e pouco depois do golpe instaurado, entre 1961 à 1964.

A imprensa do município de Criciúma/SC pode ser vista através de muitos vieses; porém no atual trabalho será utilizado especificamente o jornal impresso Tribuna Criciumense, que tinha edição semanalmente, com circulação no próprio município de Criciúma, que no decorrer da pesquisa será possível entender sua ideologia, bem como saber qual sua vontade e anseios para a política na década de 1960.

A desconstrução do governo Goulart e a tentativa de mostrar apenas o lado negativo da política brasileira podem ser entendidas como aspectos que vieram a deflagrar o golpe, pois a insatisfação de certa parte da população, aliada as influências da imprensa, fez com que o país deflagrasse um golpe civil-militar em 1964.

Fazem-se necessárias algumas questões para a compreensão da participação ou influência que a imprensa de Criciúma obteve antes e no início do período da ditadura civil-militar para a região sul catarinense.

Quais as intencionalidades da imprensa, quanto seus artigos políticos na década de 1960, qual a relação da imprensa de Criciúma diante do golpe civil-militar de 1964, e quais seus principais argumentos?

Faz-se necessário abordar o tema acerca, sobretudo, da participação da imprensa local de Criciúma, no golpe civil-militar, direta, ou indiretamente, pois considero, que esse é um tema extremamente importante, pois além de tudo precisamos conhecer e fazer abordagens que levam em si as marcas do passado e

trazer aos nossos dias a memória da história, para ser lembrada positiva ou negativamente.

O golpe civil-militar foi implantado no Brasil durante, aproximadamente vinte anos (pouco mais), no qual, para alguns foram os melhores anos, para outrem, foram anos de terror, e de um regime extremamente autoritário para com aqueles que não se mantiveram no lugar que lhes era imposto.

Busca-se através deste trabalho, a compreensão do ideário da imprensa de Criciúma, assim como perceber sua influência para o público alvo, identificando a representação do golpe na imprensa de Criciúma, abordando assim os principais argumentos diante ao golpe civil-militar.

O principal objetivo desta pesquisa é analisar a influência, assim como a reação e os principais argumentos utilizados pela imprensa de Criciúma, no que se refere ao Jornal Tribuna Criciumense, com relação aos anos que antecedem o golpe civil-militar de 1964.

Serão utilizados alguns conceitos considerados de extrema relevância para uma melhor compreensão acerca do estudo que permeia este trabalho, para tanto, os conceitos são: ideologia e imprensa.

A ideologia da imprensa é algo inevitável, pois a mesma reflete seus pensamentos e ideias, que acreditam ser corretas, para a sociedade; a partir disso mostram suas tendências partidárias, análises da política, economia, e da sociedade.

Ideologia é um conceito muito utilizado para representar a organização das ideias de um determinado grupo, ou sociedade, conforme Chauí em sua obra *O que é ideologia*, segundo Marx e Hegel, para a partir deles explicitar a sua concepção acerca do conceito de ideologia.

Em sua grande maioria confundida, o conceito de ideologia não é apenas o conjunto de ideias que permeiam uma sociedade; mas, analisando o conceito podemos ver que no mesmo existe o anacronismo de se pensar que ideologia é para muitos o ideário; segundo Marilena Chauí “confundem ideologia com ideário”¹.

Ideologia tem em seu conceito o predomínio da classe dominante sobre os dominados, em que as ideias da minoria são impostas à maioria pelos que detém o poder, sendo que ao impor seus argumentos a classe dominante lhes deposita as

¹CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. p.07.

ideias de que lhes são favoráveis, ou seja, ideologia como falsa construção da realidade.

Ainda segundo Chauí, “uma ideologia não possui um poder absoluto que não possa ser quebrado e destruído”². A autora mostra que a sociedade, quando insatisfeita com a ideologia que lhes estão impondo, pode mudar, assim como o pensamento e a ideologia da sociedade em que vivem.

Outro importante conceito é a Imprensa, que será o objeto de estudo do atual trabalho. Mesmo o jornal sendo um importante meio de informações, em torno de seus conteúdos, pode-se analisar que em suas matérias e artigos nem sempre existe uma neutralidade por parte dos autores, “fazendo muitas vezes uma mistura entre o imparcial e o tendencioso, abordando questões, tanto verdadeiras como inverídicas”³.

Sem dúvida a imprensa tem uma grande força em meio à população, pois a mesma leva ao seu cotidiano muitas notícias e matérias que acham de importância. “Evidencia-se a força deliberativa interna à imprensa, para além de pressões oriundas da necessidade de afirmação de um modelo racional e asséptico de produção de informação correlato ao processo”⁴.

A imprensa como objeto de estudo, foi somente a partir de 1970 que “ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, que o próprio jornal tornou-se objeto de pesquisa histórica”⁵. Estudos começaram a utilizar os jornais como fontes históricas.

No primeiro capítulo será feita uma abordagem em torno do papel da imprensa na construção do golpe, compreendendo o período anterior ao golpe, em todo o seu entorno, as dificuldades ou intencionalidades que a grande maioria da mídia em todo o país, teve de compreender o governo de João Goulart, e de tentar manipular o povo.

A imprensa nacional e também local, em se tratando da cidade de Criciúma, em nenhum momento positivou o governo de Jango, por ser temido pelos

²Ibidem,p.24.

³DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto. 2008. p.115 – 116.

⁴RIBEIRO, Lavina Madeira. **Imprensa e Espaço Público**: A Institucionalização do Jornalismo no Brasil (1808-1964). Rio de Janeiro: E-Papers. 2004. p.362.

⁵DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto. 2008. p.118.

poderosos, ou seja, pela elite. Neste trabalho a imprensa será pensada como objeto de estudo e análise.

No decorrer do capítulo serão tratados os *antecedentes ao golpe*, assim como a participação dos Estados Unidos no golpe civil-militar no Brasil. Posteriormente será analisado o *golpe instaurado* no país, bem como seus principais aspectos.

Ao passo que tudo o que permeava o assunto *Presidente João Goulart*, seria em torno do que pensavam ser ruim para o país, ou para eles, quem sabe, pois só se falava em negá-lo como presidente; poucas, ou quase nenhuma foram as matérias prestigiando sua posse e posterior governo, ao contrário, depreciavam-no para que o povo não confiasse a ele o atual momento que o país estava vivendo.

A percepção de um governo que parecia estar ameaçando mudar e privilegiar as classes menos favorecidas, que talvez trouxesse melhorias para o povo seria algo desprestigiado pela elite, para que não perdesse, entre seus objetivos, o mais claro, de que o governo, ao pensar no povo, teria que se abster de seus próprios intentos.

O segundo capítulo trata da representação do golpe na imprensa de Criciúma e os seus principais argumentos diante ao golpe civil-militar, fazendo-se uma análise de como a imprensa trata a questão do golpe de 1964.

Podemos perceber no capítulo as intencionalidades do Jornal Tribuna Criciumense, assim como um pequeno histórico do proprietário do Jornal, e para quem ele trabalhava, sendo de grande importância para a compreensão das matérias do jornal.

2 O PAPEL DA IMPRENSA NA CONSTRUÇÃO DO GOLPE

A imprensa é um importante meio de comunicação da sociedade, podendo levar informações relevantes para a mesma; porém, é necessário salientar que em seu meio existe a imprensa que trabalha com responsabilidade e credibilidade no que expõe ao público; porém há outras que se mostram com credibilidade ao passar as informações, mas, bem na realidade, são influenciadas por pequenos grupos poderosos que têm certos interesses com relação às informações a serem repassadas ao público, muitas vezes, sendo maquiadas como lhes convém, sendo que essas influências são repassadas para que venham absorvê-las.

O surgimento da imprensa se deu através do capitalismo. Caracterizando-se tudo que o capitalismo impunha para a sociedade, a imprensa mostra-se em cada momento como está caminhando o capitalismo, assim como “a imprensa nasceu com o capitalismo, acompanhou também o seu avanço com traços particulares, estreitamente ligados aos aspectos do avanço capitalista”⁶.

Todos os meios de comunicações, como por exemplo, jornais escritos, rádio e televisão, se envolvem em diversos pontos relevantes, abordando os mais diversos conteúdos que se relacionam com a cidade, região, estado, país e até o que está acontecendo em diversas partes do mundo.

Um dos mais destacados pontos na mídia é a política que, mais do que em qualquer outro meio, abre leques e fecha tantos outros, para que aqueles que a acompanham tenham a opinião formulada através do que estão lendo, ouvindo, ou vendo, muitas vezes sem uma reflexão do que está sendo absorvido.

Enquanto a política brasileira se desdobrava com mudanças drásticas, o povo, como em diversos momentos vividos pelo nosso país, ficava novamente sem entender o que estava ocorrendo, meramente como espectador de mais um momento que viria a ser um dos mais conturbados de toda história brasileira no que se refere à luta pelos direitos individuais que foram sendo retirados do povo, durante os mais de 20 anos de ditadura civil-militar no Brasil.

Muitos eram os que previam ou anunciavam que João Goulart era um presidente comunista, muitos achavam que o que ele queria era revolucionar o país

⁶SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad. 1999. p.10.

com suas ideias; mas sua vontade era a reforma do país e obviamente algumas mudanças que poderiam atingir as camadas poderosas, como o barateamento de medicamentos, a reforma agrária, dentre outras tantas ações, que viriam a mudar muito a economia do país. Marlene de Souza Soccas fala que:

Jango não era comunista, não pretendia instaurar uma república sindicalista, mas desejava, ardentemente, dar continuidade a uma política de cunho nacionalista, herdada de Getúlio Vargas, dentro de uma concepção reformista e populista. [...] Jango queria assumir a liderança de todas as classes, desejando assegurar para os proprietários nacionais uma boa posição, e ao mesmo tempo, favorecer as classes trabalhadoras⁷.

A política no Brasil, em alguns momentos foi algo complexo que o povo não tinha completo acesso às informações em tempo real, como temos atualmente com os vastos meios de comunicação e crescimento das tecnologias.

2.1 ANTECEDENTES AO GOLPE

Muitos setores foram contrários à posse de João Goulart, logo após a renúncia de Jânio Quadros. Dentre os principais motivos, estava sem dúvida o medo de João Goulart ser um presidente *comunista*, e com isso, esses setores viam seu governo negativamente.

“Os ministros militares de Jânio declararam-se contrários à posse de João Goulart, criando um ambiente de pré-guerra civil, num manifesto dirigido à nação expuseram seus motivos”⁸; dentre esses motivos havia ainda ameaça de resistência contra “todos aqueles que queriam ver o país afundado na desordem, na anarquia e na luta civil, temendo ainda que as próprias forças armadas se transformassem, como em outros países, em simples milícias comunistas”.⁹

Durante os últimos anos antecedentes ao golpe muitos foram os acontecimentos ocorridos no Brasil a fim de efetivá-lo. Grande parte da mídia no Brasil positivou o golpe, foi assim também na cidade de Criciúma, onde um dos principais jornais escritos da época, mais precisamente o jornal Tribuna Criciumense

⁷SOCCAS, Marlene de Souza. **Arquivos da Ditadura Militar Instaurada no Brasil em 1964**. 2005. Monografia. (Pós-graduação em História) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. p.17-19.

⁸FERREIRA, Marieta de Moraes. **João Goulart: Entre a Memória e a História**. Rio de Janeiro: FGV. 2006. p.129.

⁹ Ibidem, p.129.

que buscava mostrar aos seus leitores apenas o lado negativo do governo, como as crises econômicas e sociais.

Os momentos anteriores à deposição de João Goulart foram tensos. A partir da narrativa de alguns autores, pode-se ter a ideia de como foi sendo ampliado o pensamento, quanto a Jango e sua política, de como era sua imagem perante a sociedade no momento em que grande parte da mídia ia contra o que o presidente queria para o Brasil, e o quanto foi sendo alinhada a política brasileira para o início de um tempo que traria insegurança, sem precedentes para cada indivíduo.

O Regime Militar no Brasil durou aproximadamente 21 (vinte e um) anos, em que se criaram uma série de limitações e transformações. Tivemos um período sensível em nosso país com a ditadura civil-militar, mas precisamos entender primeiro o contexto, ou seja, como emergiu a ditadura no Brasil; temos que fazer uma reflexão acerca dos antecedentes do Regime Militar.

Primeiramente precisamos compreender a lógica da Guerra Fria, ambientada no período posterior a 1945 que vai até 1991, momento em que o país precisaria se posicionar, ou seja, ser aliado dos Estados Unidos e do bloco capitalista, ou aliar-se à União Soviética e do bloco socialista, não podendo haver meio termo.

O Brasil passa por dificuldades por ter governos nacionalistas, sendo que muitas vezes os governos nacionalistas eram vistos como sendo com tendências socialistas. Podemos observar várias intervenções militares, em vários pontos do continente, evitando governos nacionalistas e até mesmo governos de tendência socialista.

No Brasil isso também ocorre; tudo começa com um processo que leva ao colapso do populismo, "crise essa, que ocorre quando o modelo getuliano esgota um ciclo crucial de mobilizações, estando sujeito a fortes pressões populares"¹⁰, sendo que o populismo que existira na América Latina é uma característica marcante, posterior à crise de 1929 até os anos de 1960, em que os governantes tinham um grande carisma, discursos nacionalistas, além de que faziam intervenções na economia.

O Brasil teve governantes populistas, um deles inclusive, ao qual pode ser dado destaque foi o de Jânio Quadros, eleito em 1961; muito carismático, mostrava-

¹⁰DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Comando geral dos trabalhadores no Brasil: 1961-1964**. Petrópolis: Vozes. 1986. p.19.

se como sendo do povo. Jânio Quadros assume o poder e não consegue fazer grandes transformações pra controlar um processo de inflação em que o Brasil vivia. Naquele momento estava com uma inflação alta desde 1950 e não conseguia controlar, outro aspecto é o aumento da dívida externa do Brasil, que era um problema, Jânio Quadros não conseguiu controlar tudo isso.

Jânio Quadros adotou uma postura de começar a proibir algumas coisas que ele denominava de ação moralizadora, que "proibia o uso de biquínis nas praias, proibiu corrida de cavalos em dias úteis da semana, proibiu o consumo de absinto, proibiu o uso de lança perfume"¹¹, enfim, uma série de medidas proibitivas e restritivas, mas não alterava a estrutura econômica brasileira, não melhorava a situação do Brasil.

Por fim, Jânio Quadros adotou a política externa independente, que desagradou muito, principalmente os setores mais da direita, setores militares. Jânio Quadros, por exemplo, dentro dessa política externa independente acaba se aproximando da China (comunista), reata relações com a União Soviética, rompidas anteriormente, Jânio inclusive "condecorou o astronauta russo Lúri Gagarin e concedeu a Che Guevara a Grã-Cruz da ordem do cruzeiro do sul"¹².

Jânio Quadros começa a ser criticado, e no meio dessas críticas, poucos meses depois de ter assumido como presidente acaba renunciando.

O questionamento às instituições democráticas após a renúncia de Jânio Quadros teve início logo na discussão sobre a posse do novo presidente. Alguns setores da sociedade se colocaram contrários à posse do vice-presidente João Goulart. Viam em Jango o perigo da radicalização política e ameaça da emergência do comunismo. Por ironia, Goulart encontrava-se em visita à China comunista. Enquanto os ministros militares de Jânio se pronunciaram contra a volta de Jango ao Brasil, parte da cúpula militar prontificou-se a defender a legalidade. Esse impasse diante do problema sucessório gerou um acordo que garantiu a posse de Jango, porém, com poderes limitados¹³.

João Goulart no momento da renúncia de Quadros estava na China e era visto como um perigo para muitos adversários políticos e por aqueles que achavam que o Brasil poderia estar rumo ao comunismo. "Jango encontrou desde logo

¹¹CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades. 1991. p.199.

¹²COSTA, Emília Viotti da. **O Supremo Tribunal Federal e a Construção da Cidadania**. São Paulo: UNESP. 2006. p.149.

¹³AGGIO, Alberto; BARBOSA, Agnaldo; COELHO, Hercídia. **Política e Sociedade no Brasil (1930-1964)**. São Paulo: Annablume. 2002. p.65.

resistência em seu sucessor imediato, Ranieri Mazzilli, e nos chefes das forças armadas, que recusavam seu regresso, com base na segurança nacional"¹⁴, ele veio a assumir a presidência somente "a partir de 07 de setembro de 1961"¹⁵.

Durante sua volta ao Brasil. Jango veio através do Uruguai, e chegou primeiramente ao estado do Rio Grande do Sul. Sua posse "só foi possível depois de muitos movimentos políticos, entre eles o da chamada *legalidade*, sob o comando do Governador Leonel Brizola"¹⁶, sendo que o vice deveria assumir segundo a constituição.

Dentro desse contexto o Congresso Nacional acaba retrocedendo e aceitando Jango como presidente, mas houve uma mudança constitucional e "a saída encontrada foi à instituição do Regime Parlamentarista, mais tarde revogada em razão do resultado de um plebiscito nacional",¹⁷ sendo que a vigência do parlamentarismo no país deu-se entre 1961 a 1963. O país estava vivendo em um período de muitas complicações; muitos não queriam o Jango no poder e para aceitá-lo, foi admitido o parlamentarismo, porém houve dificuldades, pois o referido regime também não conseguiu resolver os problemas brasileiros no tempo em que esteve em vigência.

Com uma grande parcela contrária ao governo, "Goulart partiu para uma ação efetiva com vistas a transformar o quadro que não era favorável. A ação pretendeu envolver os militares, os grupos de esquerda (inclusive os radicais) e a força maior: as massas"¹⁸.

A partir de 1963, via plebiscito, Jango começou realmente a ter poderes de presidente. Estavam nos planos de Jango as reformas de base, que transformariam todo sistema do país; ele queria fazer uma reforma agrária, urbana, tributária, eleitoral, ou seja, uma série de ajustes no sistema, sendo que seria uma forma de alavancar o capitalismo brasileiro, porém, na época muita gente enxergava que isso poderia ser uma guinada rumo ao socialismo.

¹⁴VIEIRA, Evaldo. **Brasil: do golpe de 1964 à redemocratização**. IN: MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem Incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. São Paulo: SENAC. 2000. p.190.

¹⁵Ibidem, p.190.

¹⁶FABRÍCIO, Newton Luís Medeiros. **Peleando Contra o Poder**. Porto Alegre: AGE, 2004. p.244.

¹⁷Ibidem. 2004. p.244.

¹⁸DOCKHORN, Gilvan Veiga. **Quando a Ordem é Segurança e o Progresso é Desenvolvimento (1964-1974)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.112.

Segundo Octávio Ianni¹⁹:

Nos anos de 1961-64 o povo brasileiro defronta-se de modo cada vez mais premente com a necessidade de adotar uma opção drástica. Por um lado, o modelo getuliano esgotava um ciclo crucial de realizações. Impunha-se uma decisão corajosa, no sentido de aprofundar as rupturas estruturais indispensáveis à consecução dos alvos inerentes à sua lógica interna. [...]. Neste quadro, a mobilização do povo para o comício do dia 13 de março de 1964 - pelas reformas de base e em oposição às tendências conservadoras da maioria do Congresso Nacional – simbolizava a existência de condições políticas para uma ruptura que não se realizou. O comício, em que se reuniram o Presidente da República, Ministros de Estado e líderes nacionalistas e de esquerda, é o clímax e o fim da política de massas: como técnica de sustentação do poder político e como expressão fundamental da democracia populista.

Dentro desse contexto, Jango anuncia no comício na Central do Brasil, em 13 de março de 1964, que iria fazer essas reformas. Nesse mesmo comício tinham vários setores, como bandeiras comunistas, a União Nacional Estudantil – UNE e Comando Geral dos Trabalhadores – CGT, e as ligas camponesas. Muitos estavam achando que o Brasil corria sérios riscos de virar socialista, por isso os militares não tardarão a planejar a derrubada de Jango.

"A resposta da classe média e dos conservadores paulistas ao comício do dia 13 foi a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, que reuniu milhares de pessoas"²⁰, em que participaram grupos com uma reação contrária a Jango. Estavam protestando indiretamente contra Jango e sua política, sendo que para eles Jango era comunista. A partir das questões abordadas até o momento, podemos perceber que foi uma série de eventos que levou ao golpe civil-militar no dia 31 de março de 1964.

"O estopim para a efetivação do golpe foi a revolta dos marinheiros no Rio de Janeiro"²¹, sendo que esses marinheiros foram apoiados por Jango, e a alta cúpula das forças armadas do Brasil acusavam o presidente Jango de estar tentando quebrar a hierarquia militar.

Estamos trabalhando dentro de um contexto que é da *doutrina da segurança nacional*, que seria "um conceito basicamente criado pelos Estados

¹⁹ *apud* SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Goulart e o Golpe de 1964**: Por Uma Nova Historiografia. Artigo apresentado na Universidade Federal da Paraíba. PB: UFPB. 2009. p. 02.

²⁰ FERREIRA, Marieta de Moraes. **João Goulart**: Entre a Memória e a História. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.123.

²¹ MOURÃO, Mônica. **Memórias clandestinas**: a imprensa e os cearenses desaparecidos na Guerrilha do Araguaia. Ceará: UFC/UECE, 2005. p.22.

Unidos, o mesmo dizia que o inimigo seria interno, e que estaria dentro do país”²²; os Estados Unidos criou durante o período da Guerra fria, algo que colocava medo nas pessoas, como o socialismo, no qual tinha-se o receio de que houvesse tais influências para o país.

Os Estados Unidos não queria outra Revolução como a Cubana; e a lógica da doutrina da segurança nacional é fazer a intervenção nessas manifestações internas; e o inimigo, como já falamos anteriormente, segundo os próprios Norte-Americanos estaria dentro do País. Então, os militares iriam agir, inclusive com “o apoio logístico e militar do governo dos Estados Unidos, sendo que teve até mesmo a operação Brother Sam, na qual os Estados Unidos já com uma tropa de navios no Panamá”²³, estava pronto pra invadir o Brasil caso fosse necessário, ou existisse alguma reação.

Brizola inclusive queria reagir, estando disposto a uma guerra civil pra tentar manter João Goulart no poder. Jango, no entanto, para que não ocorresse uma guerra civil, acabou optando por se retirar e deixou que militares assumissem o poder no Brasil. Iniciava a partir desse momento o período de 21 (vinte e um) anos de Regime Militar no país.

Seguindo o contexto do Golpe de 1964, porém se alocando para a cidade de Criciúma, com relação à imprensa do município sul catarinense, usou de seus artigos para plantar as sementes do golpe, para que a população entendesse que esse era o melhor caminho, ou seja, a ditadura civil-militar.

Podemos perceber isso em algumas matérias de Jornais, como por exemplo, a matéria que o jornal diz ter que “reparar a fala de João Goulart, e que, como a terra teria que possuir a quem trabalha, se for assim as fábricas teriam que pertencer a quem trabalha”²⁴, e coloca ainda “em que lei (humana ou divina) João Goulart está se baseando, para fazer tal afirmação”²⁵, se referindo a reforma agrária, que Jango queria implantar no país.

A tentativa de imposição da mídia sobre a mente de cada indivíduo perante o governo e as crises existentes no país foram sendo trabalhadas, e ao que se parece, com êxito. A fim de romper com qualquer tipo de confiança do modo de

²²OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de. **Democracia e defesa nacional**. Barueri/SP: Manole, 2005. p.164.

²³LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. **História do Brasil: Uma Interpretação**. São Paulo: SENAC, 2008. p.786.

²⁴JORNAL “Tribuna Criciumense”. 26 de Junho a 06 de Julho de 1963. p.04. Acervo do Arquivo Municipal de Criciúma.

²⁵Ibidem, p. 04.

governar, aliado às vontades populares “inclusive os setores conservadores não lhe pouparam duras críticas”²⁶ e as influências que foram sendo implementadas sobre cada indivíduo. Claro que não se pode generalizar, pois não é um processo mecânico e nem todos concordavam com as matérias de jornais que iam contra o governo Jango.

Enquanto uma parcela da sociedade tentava de todos os modos se fechar sobre o governo, a esquerda apoiou João Goulart; porém desconfiavam na mesma probabilidade em que viam os problemas de todos os níveis durante seu governo.

Caio Navarro de Toledo afirma que:

[...] nem todos os setores de esquerda apoiavam incondicionalmente o presidente da República. Embora tivessem tido um comportamento unânime, ao aplaudirem as medidas nacionalistas do início do ano, as esquerdas consideravam inadmissível, por exemplo, que o governo mantivesse em vigência a Instrução 263 da SUMOC; esta, ao liberar o câmbio, provocou forte desvalorização do cruzeiro, bem como uma elevada alta do custo de vida²⁷.

Em todos os momentos surgiam sobre o governo problemas que pareciam insolúveis, para tal, a grande oposição incitava todos sobre quem tinham influência. O governo via em sua expectativa apenas a certeza dos fatos que vinham ocorrendo e para tal percebe-se que a política adotava em si, o símbolo de que o poder de influencia era a arma da direita.

A ideologia anticomunista era algo crescente em todas as organizações da sociedade, fazendo pensar que toda forma de comunismo seria algo para desestabilizar o país, passando à população o modo de pensar, em que “a força e a efetividade das convocações específicas decorrem da elevada plausibilidade e aceitação com que a mensagem anticomunista genérica foi sendo introduzida na organização”²⁸.

A ideologia, a partir da imprensa e da propagação de seus pensamentos, pode trazer mudanças, e muitas vezes drásticas, com “sua capacidade de encaminhar o debate sobre determinados temas, formular e impor uma agenda e,

²⁶TOLEDO, Caio Navarro de. **Governo Goulart e o golpe de 64**. Coleção Tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.52.

²⁷Ibidem, p.93.

²⁸FERREIRA, Roberto Martins. **Organização e Poder**: Análise do discurso anticomunista do Exército Brasileiro. São Paulo: Annablume. 2005. p.126.

com isso, interferir no rumo dos acontecimentos”²⁹, que poderiam ser muito diferentes se não houvesse a propagação de ideologia sobre a mente do povo. "Os sinais de que a direita preparava um golpe intensificavam-se e, a cada dia, a situação do governo parecia mais insegura”³⁰.

Muitos foram os episódios vividos e sentidos pela população brasileira, mais especificamente em se tratando das formas de percepção da política, e como a mesma foi se ampliando conforme o que seria alinhado, ou seja, a partir de questões que vieram a refletir, e posteriormente flagrar a memória brasileira que seria transformada durante todo o contexto pré-golpe.

Ferreira faz uma análise, em que:

Os jornais, com maior ou menor ênfase, participavam da pregação anticomunista. O alinhamento da maioria dos jornais às posições político-ideológicas dominantes, ou seja, contra o comunismo, contra as mudanças na estrutura da sociedade, está referenciado a uma visão conservadora dos proprietários dos jornais e de alguns jornalistas. Para eles, a tradição e a legitimidade da autoridade eram valores a serem preservados. Acusar de “comunistas” todos os que defendiam o governo, fossem eles socialistas, trabalhistas, nacionalistas ou mesmo liberais, foi a tática usada pelos conservadores contrários a qualquer mudança na estrutura social.³¹

A história política no Brasil é destacada nos meios de comunicação. Em certos momentos são expostas as contradições políticas por todos os lados, não sendo diferente nos últimos momentos que antecederam ao golpe civil-militar, mas claramente se nota muito desconforto em meio ao conturbado momento político do Brasil.

A insegurança da população quanto ao governo de João Goulart foi algo que possibilitou as circunstâncias referentes à vontade da elite e daqueles que propagavam suas ideias em favor de um momento que iria ao avesso do que consideravam o perigo do Brasil, que era o comunismo.

2.2 GOLPE INSTAURADO

²⁹ FERREIRA, Marieta de Moraes. **João Goulart: Entre a Memória e a História**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.107.

³⁰ CHIAVENATO, Júlio José. **O Golpe de 64 e a Ditadura Militar**. São Paulo: Moderna, 1994. p.15.

³¹ *Ibidem*, p.110.

O golpe não foi apenas militar, como muitos imaginam, mas o grande poder civil estava junto, apoiando de várias formas para que os militares assumissem o poder político do país naquele contexto. É muito importante que possamos entender como se deu esse processo de articulação que se resultou no golpe civil-militar no Brasil em 1964.

No início, foram feitas muitas manifestações em favor da ditadura civil-militar recente no país, e que se mostrava como uma nova opção, e que o país estaria sobre uma forma intacta e sem crises em todos os âmbitos nacionais da sociedade brasileira que se mostrava na época.

Mas ninguém imaginava o que viria mais à frente na política brasileira, em que resultaria em crises, assassinatos, abusos de autoridade, além de uma série de perseguições aqueles que não seguiram o que a ditadura previa, para esses, a ditadura civil-militar foi brutal.

Para a população em geral, que em sua grande parte não esteve envolvida diretamente com o contexto político e apenas tinha acesso, muito vagamente quando não somente por intermédio da grande mídia, em muitos momentos apenas positivaram ainda mais o momento em que o país vivera no momento posterior ao primeiro dia de abril do ano de 1964.

Carlos Fico faz uma análise acerca da historiografia do golpe de 1964, expondo algumas questões relevantes à serem repensadas, em se tratando de golpe civil-militar, o mesmo coloca que:

Porém, se a preparação do golpe foi de fato "civil-militar", no golpe, propriamente, sobressaiu o papel dos militares. Além das movimentações de tropas, desde o início do regime foi indiscutível a preponderância dos militares, em detrimento das lideranças golpistas civis. [...] Importantes cargos do primeiro escalão foram destinados aos civis. [...] Do mesmo modo, sucessivas levas de militares passaram a ocupar cargos em importantes agências governamentais³².

A partir das palavras de Carlos Fico, podemos entender que com o regime ditatorial implantado no país, percebe-se ainda muita influência que os civis tinham; porém, é necessário deixar claro que o golpe não se deu apenas pelos militares, mas foi em conjunto com os civis. O golpe de 1964 da sustentação a "hegemonia do

³²FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**. v. 24, n. 47. São Paulo: UFRJ, 2004. p.52.

capital internacional no bloco do poder, só sendo possível graças ao caráter amplo e heterogêneo da frente social e política que se reuniu para depor Goulart”³³.

Com um tom extremamente pesado em âmbito nacional, no Rio de Janeiro, o jornal Tribuna da Imprensa, um dia após o golpe, em 02 de abril de 1964 expõe seus argumentos em favor do acontecimento recente naquele momento no país, em que traz já em sua primeira página:

Escorraçado, amordaçado e acovardado deixou o poder como imperativo da legítima vontade popular, o Sr. João Belchior Marques Goulart, infame líder dos comuno-carreirista-negocistas-sindicalistas. Um dos maiores gatunos que a história brasileira já registrou, o Sr. João Goulart passa outra vez à história, agora também como um dos grandes covardes que ela já conheceu.³⁴

Marialva Barbosa coloca as palavras descritas pelo jornal aonde podemos refletir que, talvez, tornaram o acontecimento como se estivesse sendo expulso do poder realmente um presidente comunista, além de colocarem de uma forma muito negativa. Grande parte dos jornais, com exceção de poucos, tratam o presidente deposto como alguém que queria a destruição do país, trazendo palavras tendenciosas para que seus leitores tivessem não somente uma impressão, mas assumissem o seu olhar sobre a política brasileira.

Outro jornal que apoia a deposição de Jango, enaltecendo os golpistas e fazendo não só uma forte crítica, mas denúncia forte de seu governo é o jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, com palavras como “A nação saiu vitoriosa com o afastamento do Sr. João Goulart da Presidência da República, não seria mais possível suportá-lo [...] destruiu a base da liberdade [...] é culpado de um monstruoso crime político”³⁵.

É surpreendente a maneira como esses jornais exibiam suas matérias, algo como se estivessem falando de um presidente que acabou com a própria democracia. Os jornais tratam exatamente o contrário do que está para vir, em que os mesmos trazem em seus artigos, noticiando também que o país está retornando à democracia.

³³Ibidem, p. 52.

³⁴BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa (Brasil: 1900 - 2000)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.184.

³⁵Ibidem, p.184.

Mas o que estava por vir seria totalmente o contrário ao que pregavam como democracia e a questão que se faz pertinente no momento é em relação ao direito individual de cada pessoa, pois a ditadura civil-militar é um regime que pesa contra muitos aspectos da liberdade, principalmente a de se expressar.

É importante ressaltar que muitos chamavam de Revolução de 1964, o que chamamos hoje de golpe civil-militar, e quando se fala em golpe, lembra-se de algo negativo, que traz em seu próprio significado, definições pesadas, como sendo "Acontecimento infausto, inesperado; desgraça, infortúnio, crise, ardil, artimanha, movimento"³⁶.

O golpe civil-militar que os militares, juntamente com "a elite orgânica empresarial que se fez defensora e porta-voz do ponto de vista moderados do centro, ampliando as perspectivas elitistas e consumistas das classes médias e fomentando o temor às massas"³⁷, aplicaram sobre o governo, ou Revolução de 1964, que muitos no momento chamaram assim, no dia 01 de abril de 1964, pode ser visto através de muitos vieses.

Todas as classes sociais, como os trabalhadores, estudantes, donas de casa, empresários, desempregados tiveram cada um, sua forma de ver a ditadura civil-militar, pois para muitos, a mesma foi vista com otimismo, e garantia de que o país não teria o problema de se tornar comunista. Porém este trabalho visa elucidar a forma como a imprensa tratou da temática do golpe na cidade de Criciúma.

³⁶DICIONÁRIO *On Line* de Português. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/golpe/>>. Acesso em ago.2014.

³⁷DREIFUSS, René Armand. **1964: A Conquista do Estado: Ação Política, Poder e Golpe de Classe**. Petrópolis: Vozes, 1987. p.230.

3 A REPRESENTAÇÃO DO GOLPE NA IMPRENSA E SEUS PRINCIPAIS ARGUMENTOS

O golpe civil-militar foi possibilitado, como já vimos muito, pelas propagandas anticomunistas e de desestabilização do governo Goulart, um governo curto, oriundo da renúncia de Jânio Quadros. Nota-se, no próprio conduzir da política brasileira naquele momento algumas inconstâncias.

Segundo Batistella:

A instabilidade, produzida por múltiplas causas, foi uma marca do início dos anos 60 do século XX no Brasil. [...] havia um estranhamento resultante de uma situação inédita, a renúncia de Jânio Quadros. [...] À medida que Goulart havia sido eleito vice-presidente da República pela chapa opositora a que elegera presidente o candidato Jânio Quadros, não surpreende que a UDN e o PSD, majoritariamente, fossem contrários à posse do seu maior inimigo político. Dentro desse marco, reconhecer a iniciativa golpista resistida pela Campanha da legalidade confere outra dimensão ao processo que resulta na imposição de uma ditadura no início de 1964³⁸.

A mídia teve uma participação feroz no processo de desestruturação do governo de Jango, na maioria dos casos favorecendo a ditadura militar no país, através de um conjunto de condutas que veio a deflagrar o golpe, sendo que grande parcela da população brasileira de certa forma não se viu incluída. Claro que não podemos generalizar, pois havia muitos que estavam de acordo com o que ocorrera em todo processo político; a marcha da família é um exemplo que levou uma grande massa da população as ruas em todo o país, essas pessoas estavam incluídas, ou ao menos sentiam-se.

A política brasileira, a partir do mês de abril de 1964, entrou em um momento que até hoje é marcado por debates, fóruns, grupos querendo justiça, quanto aos atos dos anos de chumbo. Assim, percebe-se que uma grande parcela da sociedade vê em si próprio o dever de lembrar a população, para que reflitam sobre esse momento da história do Brasil, para que não venha ocorrer novamente esses momentos que levaram o país a um caos generalizado no que tange a política brasileira.

³⁸BATISTELLA, Alessandro (org.). **O Golpe civil-militar de 1964 no Sul do Brasil**. Chapecó: Argos. 2014. p.09.

Sem a desestabilização (propaganda ideológica, mobilização da classe média etc.) o golpe seria bastante difícil; sem a iniciativa militar, impossível. Portanto, é preciso bem distinguir a atuação desestabilizadora (a propaganda do Ipes e outras agências) da conspiração golpista civil-militar, que em muitos momentos não passou de retórica radical e somente se consolidou às vésperas do 31 de março. Assim, creio não ser abusivo afirmar o acerto histórico da leitura segundo a qual a "desestabilização civil" foi bastante articulada, mas a ação militar não foi inteiramente planejada, com segurança e sistematicidade, ficando à mercê de iniciativas de algum modo imprevistas³⁹.

O papel desenvolvido principalmente pela grande força civil, atuante para desestabilizar o curto governo de Goulart foi uma das principais armas utilizadas para o enfraquecimento da política no país.

"A crise econômica de 1960 trouxe em si o medo da ascensão do comunismo, que foi um dos principais motivos que mobilizaram as elites do país, do mesmo modo que entendiam que, se o capitalismo estivera enfraquecido"⁴⁰ com a crise, pudesse ser através de meios, como por exemplo, as reformas de base de Jango, que para muitos se iniciava um momento que iria acabar com o país.

Alceu Kaspary, em seu texto *A sacralização do golpe civil-militar de 1964 em Santa Catarina* mostra alguns elementos importantes a respeito da crise de 1960, sendo que a igreja católica conservadora nesse momento "tornou-se mais ativa politicamente, orientando os seus fiéis a tomarem participação ativa nos pleitos eleitorais"⁴¹, que segundo ele:

[...] a crise econômica que culminou na década de 1960 frustrou a aspiração de uma evolução política e social pacífica, sem riscos revolucionários. O caminho para um capitalismo civilizado e alternativo pairava sobre um horizonte que se distanciava cada vez mais⁴².

Hoje, estudos que se relacionam com a história do Brasil, com fragmentos de matérias de jornais, revistas, ou seja, por meio de periódicos tem crescido, pois é algo que compõe pensamentos e ideologias do passado, sendo que cada historiador, pode fazer análises de cada momento vivenciado no país, ou região,

³⁹FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**. v. 24, n. 47. São Paulo: UFRJ, 2004. p.55.

⁴⁰ COUTO, Berenice Rojas; GARCIA, Maria Lúcia; MARQUES, Rosa Maria. **Proteção Sociela no Brasil e em Cuba**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2012. P. 51

⁴¹KASPARY, Alceu. **A Sacralização do golpe civil-militar de 1964 em Santa Catarina**. IN BATISTELLA, Alessandro (org.). *O Golpe Civil-Militar de 1964 no Sul do Brasil*. Chapecó: Argos, 2014. p.190.

⁴²Ibidem, p.190.

para entender o que a mídia pensava e abordava sobre momentos que tiveram relevância.

Os jornais mais influentes de todo o país eram os considerados a grande imprensa, pois tinham muita força e espaço no mercado nacional. Motta mostra que:

De certo modo, os anos 1960 e 1970 foram o auge da grande imprensa tradicional, se forem consideradas a vendagem e a circulação dos diários. Eram vendidos aproximadamente 5 milhões de jornais e os diários mais influentes haviam passado por reformas recentes, tornando-se empresas mais sólidas. Também houve diversificação no perfil da imprensa, com a entrada em cena de diários que disputavam o público de mais baixa renda⁴³.

Consideramos de grande importância fazer uma análise acerca da influência da imprensa de Criciúma, como também abordar alguns pontos relevantes dos pensamentos que levavam até seus leitores no cotidiano da cidade.

Na cidade de Criciúma, podemos notar que a imprensa, já tinha um ideário formador, entre 1961-1964, pelo menos no que se refere à imagem do político João Goulart. Em grande parte das vezes que fala do presidente se remete ao mesmo depreciando-o, o que podemos imaginar ao ler as matérias, é que tentavam incitar suas ideias, para que seus leitores viessem absorvê-la.

A Imprensa de Criciúma, representada por "dois jornais e rádios"⁴⁴ da época, sendo que neste trabalho será trabalhado apenas com o Jornal Tribuna Criciumense, que teve um papel relevante para formar a ideologia do golpe militar na cidade e região, inserindo-a na vida cotidiana da população, e tentado também fazer com que todos, sem exceção absorvesse as suas perspectivas desse momento, mas seria interessante fazer uma análise em um trabalho posterior que pudesse comparar a atuação dos outros veículos.

Segundo Pirola "é nítida a tentativa de se construir através do Jornal Tribuna Criciumense, um imaginário social que olharia o Brasil e Criciúma como a beira do comunismo ateuista, onde algo precisaria ser feito"⁴⁵.

⁴³MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. **TOPOI**. v. 14, n. 26, jan./jul. 2013. p.63.

⁴⁴Além do Jornal "Tribuna Criciumense", podemos achar no Arquivo Histórico de Criciúma, o Jornal de Criciúma, porém, tem-se pouco acervo disponível, para um melhor aprofundamento a respeito do Jornal de Criciúma. No município, além dos jornais escritos tinha as rádios, Difusora e Eldorado.

⁴⁵PIROLA, Claudionor Lima. O Golpe Militar de 1964 e sua Preparação e Repercussão em Criciúma. **Revista Santa Catarina em História**. v.5, n.2. Florianópolis: UFSC, 2011. p.36.

Um dos posicionamentos que o jornal Tribuna Criciúmensis nos mostra através de seus artigos entre os anos de 1961 até 1964, refere-se à política no país e em Criciúma, porém precisamos compreender a situação política e social em Criciúma, sobretudo a partir de 1960.

O carvão era a grande força econômica da cidade nesse momento, trazendo desenvolvimento e avanços para Criciúma, ainda segundo Pirola, "Riqueza esta que foi a força motriz para o desenvolvimento da cidade e da região"⁴⁶.

Com a Primeira Grande Guerra dificultou-se a importação de carvão; foi a partir daí que se iniciou a importância da indústria do carvão para o Brasil, sendo que o governo começou a investir nas suas indústrias nacionais, e mesmo que as empresas catarinenses de carvão não tivessem muita qualidade, era um setor que usava de estratégias no estado. Essa grande importância do carvão nacional seria para que o país pudesse ser independente neste setor.

Foi no governo de Vargas que a indústria de carvão do sul catarinense ganhou fôlego; a partir de 1930, com grandes incentivos do governo federal. Teixeira fala que "o sonho dos mineradores catarinenses se concretizaria, durante os anos Vargas, com a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em 1945 e do complexo carbonífero implantado na região"⁴⁷.

Algumas famílias dominaram o setor carbonífero de Criciúma, com a grande força que o carvão vinha adquirindo no momento e com suas estratégias, essas famílias tinham uma forte influência no município e região sul. José Paulo Teixeira aborda que:

No desenvolvimento inicial da mineração, algumas empresas e famílias dominaram o setor e, desde então, suas histórias se confundem com a história de Criciúma, das suas elites e do imaginário da cidade. É o caso da CBCA (Álvaro Catão-Netto Campos), da Carbonífera Próspera e da Metropolitana (Freitas e Guglielmi). [...] Esses são os principais grupos familiares e empresas carboníferas que, durante décadas controlam a economia e, direta ou indiretamente, o poder político local⁴⁸.

A partir das palavras de José Paulo Teixeira, em seu capítulo Os Donos do Poder em Criciúma, aborda que esses grupos controlavam praticamente a cidade em seu entorno, estando ligados à economia e ao poder político de Criciúma.

⁴⁶ Ibidem, p;36.

⁴⁷ TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996. p.111.

⁴⁸ Ibidem, p.111.

As famílias proprietárias das empresas carboníferas, além da grande força econômica e política, controlavam a imprensa local, com isso, podemos perceber que suas influências se faziam presentes nos meios de comunicação, principalmente o jornal Tribuna Criciumense.

Além da imprensa de Criciúma, uma grande parcela de todo o país tiveram a mesma perspectiva, se manifestando contra a figura de João Goulart, tornando a situação insustentável, já que com pouco apoio, via-se um governo enfraquecido.

Toledo aborda a respeito desta questão:

O Governo João Goulart nasceu sob o signo do golpe e não conseguiu, apesar de seus esforços, angariar qualquer apoio das classes dominantes. Por outro lado, sofreu crescente pressão dos movimentos populares que reivindicavam maior agilidade na adoção das reformas de base. Diante do impasse, em um contexto de forte tensão, acabou por romper os limites do pacto populista e decidiu implementar as reformas reivindicadas pelos trabalhadores⁴⁹.

A imprensa de Criciúma, através do jornal que estava em vigência, e está disponível ainda hoje no acervo do Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez de Criciúma, o Tribuna Criciumense tinha aspectos que serviram como auxiliares do golpe. E mais, uma análise que se faz imprescindível sobre o modo como o choque de ideias, entre o governo de João Goulart e os pensamentos que circulavam na imprensa nacional e local, foram se encaixando conforme o desejo de mudanças drásticas no governo foram surgindo, até o momento em que foi deflagrado o golpe civil-militar.

A Tribuna Criciumense tinha em seus artigos, textos que mostravam claramente seus objetivos, que era, entre outros, o de desqualificar o governo de Goulart. Entre os referidos artigos estão os de 26 de Junho à 06 de Julho de 1963, segundo o qual, como podemos analisar, é o mais *ardiloso*, colocando as suas próprias ideias, como sendo do povo.

Intitulado “O Povo é Contra a Reforma”⁵⁰, podemos colocar aqui algumas questões, a serem refletidas, como por exemplo, será que o povo seria mesmo contra as reformas que por certo trariam melhorias em todos os âmbitos, não só

⁴⁹ *apud* DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O Governo João Goulart e o Golpe de 1964: da construção do esquecimento às interpretações acadêmicas. **Revista Grafia**. v. 9, 2012. p. 182.

⁵⁰ O POVO é contra a reforma. **Jornal Tribuna Criciumense**. 29 de Junho a 06 de Julho de 1963. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Criciúma Pedro Milanez. Criciúma, SC.

locais, mas nacionais, em que pesquisas estavam se atendo naquele momento?, pois estavam dizendo que o povo, ou seja toda a população ou parte dela era contra as reformas de base

Ao analisar a matéria em si, vemos alguns trechos fortes; a partir das palavras do próprio jornal, “Os conceitos emitidos pelo presidente da República merecem uma série de reparos”⁵¹, ou seja, o jornal trata da questão de que o presidente não sabia o que estava falando, havendo que organizar sua fala, sendo que o presidente Jango fala apenas que “estava convencido de que se não dermos ao homem a oportunidade de possuir o palmo de terra em que trabalha, jamais conseguiremos construir a verdadeira paz social, que todos almejamos e desejamos”⁵². Somente com esse trecho da fala o jornal já tece uma série de críticas.

Posteriormente o jornal ainda fala que:

Em que direito, ou baseado em que lei (divina ou humana) a terra deve pertencer a quem trabalha? assim, chegaríamos a conclusão de que as fábricas pertencem aos operários, as casas aos pedreiros e carpinteiros que as construíram⁵³.

Sem dúvida, esse artigo estava proposto a negar todas quanto fossem as propostas do governo Goulart, pois além das fortes críticas, ainda perguntavam-lhe, qual seria a lei que o governante estava se baseando, ou seja, indiretamente estavam colocando-o como um presidente que não estava cumprindo nem mesmo as leis que regem o país.

O jornal chega a compará-lo ao governo de Cuba, afirmando que “à maneira do que aconteceu no regime Castrista, no primeiro momento da revolução, porque logo a seguir tudo passou para as mãos do Estado, como não poderia deixar de acontecer num país de regime comunista”⁵⁴. Essa é uma questão de relevância, se refletirmos que o jornal Tribuna Criciumense estava explorando parte da fala de Jango, denunciando que o mesmo era comunista e queria que tudo passasse a pertencer ao governo.

⁵¹ Ibidem.

⁵² Ibidem.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ Ibidem.

Os argumentos levantados pelo jornal levam-nos a compreender um pouco mais sobre a intencionalidade do próprio dono do jornal e interesse da empresa carbonífera ao qual o mesmo tinha uma forte ligação, pois tinham um grande receio de que as mudanças poderiam lhes afetar, pelo menos é o que podemos perceber em torno do conteúdo da matéria.

Muitas são as questões a serem exploradas no que se refere às ideias impostas pelos jornais no momento em que estava o país, sendo um período delicado. Grande parte da mídia estava fazendo um grande esforço para que o governo não obtivesse êxito, com o grande temor de que o Brasil se tornasse em uma nova Cuba.

O golpe civil-militar na cidade de Criciúma e região, pelo menos, no que se refere ao principal meio de informações que era a veiculação do jornal Tribuna Criciumense, que disseminava as ideias da União Democrática Nacional - UDN, partido que participou do Golpe de 1964, e que tinha em seus objetivos alavancar a classe média e classe alta, assim como defender as carboníferas de Criciúma, que estavam em pleno crescimento na cidade.

Tania Regina de Luca em seu texto História dos, nos e por meio dos periódicos mostra que:

Ao comentar os procedimentos críticos demandados pelos jornais, Glénisson ponderou que estes se revestiam de “complexidade desanimadora. Sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo⁵⁵”.

É de grande importância, então, que possamos compreender que a imprensa não tem como ser neutra, ou seja, ela leva em si uma carga de seus próprios editores, levando informações que não contrariam seus ideais, nem mesmo que confrontem seus apoiadores, ou mesmo as empresas que pagam para fazerem publicidades, a partir disso vemos que cada jornal sofre muitas influências de outrem.

Com relação ao Jornal Tribuna Criciumense, além dos artigos a favor da reforma militar, no que se refere o próprio jornal, o mesmo tinha um tom

⁵⁵DE LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.116.

extremamente crítico com o presidente Goulart, colocando até mesmo o temor em seus leitores, expondo seus artigos como sendo a vontade de todos, e não interesses do jornal. Com relação ao Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais – IPES, este foi um dos setores da sociedade que se mantiveram contra o Governo de Jango. Segundo Feldens:

[...] fundado em 1961 e apoiado financeiramente por empresários paulistas e cariocas. Nos anos de 62 e 63 o IPES recebeu uma soma de 500 mil dólares obtidos com a colaboração de mais de 300 empresas norte-americanas. Quem presidia tal Instituto desde setembro de 1961 era o então coronel da reserva Gobery do Couto e Silva. Este instituto tinha como principal tarefa derrubar o governo de Jango e tornar-se um dos principais articuladores da Marcha da Família⁵⁶.

Não existe comprovação de que o jornal Tribuna Criciumense era ligado com o IPES, nem mesmo que o próprio jornal estava disseminando seus ideais para positivar o golpe, mas ao vermos tais matérias e artigos, podemos perceber claramente, que o mais certo era que o jornal estava querendo embutir na mente de seus leitores o que o partido UDN queria: que seria deixar não só a marca, mas incitar a vontade de mudança.

Respectivamente, o Jornal Tribuna Criciumense, "teve como proprietário, José Pimentel que também foi vereador no município pela UDN, além de ser advogado⁵⁷". A fundação do Jornal Tribuna Criciumense, deu-se em 02 de maio de 1955.

A Academia Criciumense de Letras – ACLe, traz uma breve biografia do proprietário do jornal Tribuna Criciumense:

[...] filho de Aurélio Pinto Pimentel e de Maria de Andrade Pimentel, nasceu em 03 de Março de 1915, no município de Aracruz - ES. Aos 06 anos ficou órfão de pai e mãe, sendo criado por seus irmãos Emilio e Etelvina. Iniciou seus estudos na escola Modelo Jerônimo Monteiro, na cidade de Vitória - ES. No Ginásio Estadual do Espírito Santo, completou o curso ginasial e pré-jurídico. Foi revisor e redator do Jornal 'Diário da Manhã' e Secretário e Redator-Chefe do Jornal 'Tribuna Capixaba', de Vitória. Em 1940, foi nomeado Secretário do Serviço Nacional de Itapemirim, tendo se transferido nesse mesmo ano para a cidade do Rio de Janeiro, onde exerceu as funções de revisor de provas da Imprensa Nacional. Em 20 de dezembro de 1943, formou-se advogado pela Faculdade de Direito de Niterói, passando a exercer a advocacia no foro carioca. Em 29 de junho de 1945, transferiu-se

⁵⁶FELDENS, Dinamara Garcia. **Cartografias da Ditadura e suas moralidades**: os seres que aprendemos a ser. Maceió, EDUFAL. 2008. p.192.

⁵⁷TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da Cidade**. Florianópolis: Insular. 1996. p.126.

para a cidade de Criciúma, SC, onde atuou como advogado. Em 1949, casou com Darcy Angeloni, com quem teve as filhas Marilena, Ilka e Marília. José Pimentel, participou das fundações da Sociedade Criciumense de Assistência aos Necessitados (SCAN), do Bairro da Juventude, dos Colégios Madre Teresa Michel e São Bento, e da Escola de Comércio de Criciúma, exercendo, nesta última, o magistério em Língua Portuguesa. Foi Vereador, por duas legislaturas, pela UDN. Foi Diretor-Presidente da Força e Luz de Criciúma. A partir de 1950, exerceu a função de advogado na Companhia Carbonífera Próspera S/A. José Pimentel faleceu em 06 de setembro de 1984, em Criciúma⁵⁸.

A Academia Criciumense de Letras faz não somente uma biografia, mas sim, traz José Pimentel como uma pessoa de grande influência positiva para o município de Criciúma.

O livro *Os donos da Cidade*, de José Paulo Teixeira nos possibilita compreender as matérias do jornal *Tribuna Criciumense*, favoráveis às perspectivas políticas do próprio proprietário e da empresa carbonífera, da qual o mesmo era advogado.

José Pimentel manteve o *Jornal Tribuna Criciumense* até o mês de março de 1961, durante os 07 (sete) meses posteriores, entre março à outubro de 1961, o *Jornal* passou para um grupo de pessoas ligadas ao comunismo, porém, depois desse tempo passou novamente para as mãos do minerador Sebastião Netto Campos.

Como o jornal *Tribuna Criciumense* tinha como proprietário um empresário minerador, podemos ver em destaque uma matéria referindo-se ao grande aumento de salário, sendo do dia 05 de fevereiro de 1962, na capa do jornal, em letras garrafais: *VINTE POR CENTO: AUMENTO AOS MINEIROS*, vindo posteriormente na matéria, falando que “segundo comunicação do Senhor Heriberto Hulse, foi homologado o aumento salarial, espontâneo concedido pelos mineradores, de vinte por cento⁵⁹”.

Esta foi mais uma matéria tendenciosa do jornal, para mostrar à população que as empresas carboníferas valorizavam seus trabalhadores mineiros, pois eles deixam claro que o aumento foi *espontâneo*, ou seja, as empresas se disponibilizaram a dar esse aumento. Ao escrever essas palavras o jornal não

⁵⁸ACADEMIA Criciumense de Letras. **Sede da Acle: "Casa De José Pimentel"** Disponível em: <<http://www.acle.com.br/sede.php>>. Acesso em out.2014.

⁵⁹VINTE por cento: Aumento aos mineiros. Bonificação espontânea concedida aos mineiros com validade desde 01 de Dezembro. **Jornal "Tribuna Criciumense"**. 26 de Junho a 06 de Julho de 1963. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Criciúma Pedro Milanez. Criciúma, SC.

colocou de forma coerente, de que na realidade o sindicato vinha negociando com as empresas o aumento dos mineiros, mas não é bem assim que o jornal Tribuna Criciumense expôs.

Figura 1 - VINTE POR CENTO: Aumento aos Mineiros.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Criciúma Pedro Milanez. Criciúma, SC.

Em contramão ao que percebemos no Jornal Tribuna Criciumense, que os artigos tratavam segundo os interesses dos donos das minas, tem-se o Jornal de Criciúma que denunciava os baixos salários dos trabalhadores mineiros, que estão disponíveis apenas dos anos 1961 e 1962 no Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez de Criciúma, em um dos artigos denunciando as empresas, diz o seguinte:

Os debochados “alunos de Lupion” afirmam que desconheciam as injustiças salariais praticadas em Lauro Muller!. De 16 de Outubro até ontem, pagavam-se nas empreitadas da companhia Carbonífera Barro Branco, CR\$ 12.224.000 ao invés dos CR\$ 14.112,000 exigidos pela lei. Antes de 16 de Outubro, os escravos brancos do feudo Catão, recebiam salários de até CR\$ 3,000,00 mensais!!! Denúncia do “jornal de Criciúma”, provada e comprovada por uma carta estarrecedora do Sindicato dos Mineiros de Lauro Muller, dirigida ao delegado Regional e representante do Ministério do Trabalho em Criciúma, pedindo a imediata encampação das desumanas empreitadas de “cadáveres”. Outras e maiores barbaridades são reveladas. Mineiros obrigados a assinar folhas de pagamento com salário legal, quando recebem, em realidade muito menos. Cuidado, alunos de Lupion: a fome, a miséria e a injustiça poderão fazer Cuba repetir-se aqui. O desespero já fez correr rios de sangue neste pobre mundo. E depois, esses capadócijs querem combater comunismo com discursos bonitos!⁶⁰.

O Jornal de Criciúma ia totalmente ao contrário, se relacionarmos o mesmo com o Jornal Tribuna Criciumense, que mostrava o lado dos donos de minas, já o Jornal de Criciúma, mesmo com poucos exemplares disponíveis

⁶⁰GRUPO catão: cólicas na consciência. **Jornal de Criciúma**. 31 de Dezembro de 1961. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Criciúma Pedro Milanez. Criciúma, SC.

atualmente para que possamos fazer uma pesquisa mais detalhada, nota-se que o jornal "tinha influência do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, no mesmo foram registradas várias denúncias sobre as más condições dos mineiros de Lauro Muller⁶¹".

Continuando a falar a respeito do jornal Tribuna Criciumense, o mesmo traz uma série de matérias que engrandeciam o golpe civil-militar, com aspectos que vinham a partir das influências exercidas pelo próprio dono do jornal, ou mesmo dos mineradores que tinham o receio de que o país viesse a se tornar comunista, sendo que esse era um dos maiores medos de grande parte da sociedade, ainda mais os que tinham posses.

De Luca mostra alguns estudos e análises a respeito da imprensa como objeto, trazendo que "a partir da análise de editoriais entre 1927 a 1937, foi evidenciada a atuação de jornais como porta voz dos interesses de setores da classe dominante paulista e a maleabilidade do liberalismo abraçado por seus responsáveis⁶²".

A imprensa serviria justamente como um instrumento de embate, contra tudo e contra todos que se levantassem contra suas ideias e principalmente a favor de interesses que vinham de contramão ao que pregava, isso, podemos ver que não foi somente durante o golpe, mas por cerca dos dez anos, entre 1927 à 1937, segundo De Luca ocorreu tais previsibilidades, que de certa forma talvez afetariam a sociedade naquele momento.

Algumas matérias em destaque foram escritas para legitimar de forma concreta a ditadura, o que o jornal Tribuna Criciumense já vinha fazendo durante o governo de João Goulart.

Um título bem inapropriado foi dado pelo jornal, falando sobre a ditadura imposta ao povo brasileiro, sendo que o jornal intitula como a democracia aplaudida em Criciúma, apenas por essas palavras, podemos ver o quanto o jornal apoiou o golpe civil-militar, algumas das palavras do jornal foram "grande massa popular

⁶¹GOULART FILHO, Alcides; LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. **O movimento operário mineiro em SC nos anos de 1950 e 1960**. Artigo apresentado na II Jornada Nacional de História do Trabalho. Disponível em: <<http://labhstc.ufsc.br/files/2012/09/1.doc>>. Acesso out.2014.

⁶²DE LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.118.

participou e aplaudiu o desfile, em regozijo à vitória das forças democráticas em prol da paz e liberdade⁶³”.

Figura 2 - Democracia Aplaudida em Criciúma



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Criciúma Pedro Milanez. Criciúma, SC

As palavras do jornal são tão enfáticas que se não conhecêssemos a história política do Brasil, no que se refere ao período ditatorial, poderíamos até acreditar que o período em que falamos foi realmente democrático, de paz e liberdade, justamente ao contrário, pois, palavras essas que não existiram na prática durante os anos de chumbo, a partir de 1964.

Após o golpe, com a posse de Castelo Branco na presidência, o jornal tece vários elogios ao novo presidente, já no título traz como Brasil busca melhores dias, logo no início do período da ditadura militar no país, a matéria do jornal aborda da seguinte forma:

⁶³DEMOCRACIA aplaudida em criciúma. **Jornal Tribuna Criciúmensense**. 11 a 18 de Abril de 1964. Disponível no Arquivo Histórico Municipal de Criciúma Pedro Milanez. Criciúma, SC.

Exatamente as 15:20 horas de quarta-feira, dia 15, o Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco assumiu a Presidência. Em todos os recantos do país a posse foi saudada pelo repicar dos sinos e com esperanças o povo brasileiro aplaudiu o Mal. Castelo Branco. Em seu discurso de posse, o novo mandatário do Brasil disse – Meu governo será o das leis, o das tradições e princípios morais e políticos que refletem a alma brasileira, o que vale dizer que será um governo firmemente voltado para o futuro, tanto é certo que um constante sentimento de progresso e aperfeiçoamento constitui a marca e também o sentido de nossa história política e social⁶⁴.

A imprensa não estava apenas fazendo seu papel de informação aos leitores, mas sim, positivando o período posterior ao governo de João Goulart, tentado assim transformar a sociedade conforme sua ideologia formadora naquele momento em especial, de que a política brasileira estava em uma grande mudança. “As relações entre governo e os meios de comunicação coletiva são cada vez maiores. Convencidos de que a opinião pública pode ser controlada através de informações⁶⁵”.

Uma das estratégias da imprensa é introduzir meticulosamente falas com o que seria melhor para o povo, mas não conforme o que a população pensava sobre a política e o que seria melhor para si, mas sim, notoriamente abordar os resquícios de seus interesses sobre o momento de 1964, ano que marcou o país, com uma política conservadora e tinha como marca principal, tirar o país dos trilhos do comunismo.

Além de tratar os acontecimentos políticos do golpe militar como democracia, o jornal Tribuna Criciumense traz mais, e mostra agora que a revolução tem compromisso com a grandeza da pátria, e são escritos vários elementos acerca do dia do trabalho, em 01 de maio de 1964:

A democracia constitui a estrada real, ampla, lógica e experimentada para os trabalhadores alcançarem justa e elevada remuneração, salários que lhes proporcionem uma vida digna numa sociedade livre de crises do desemprego e dos violentos contrastes da fortuna; foi essa uma das declarações mais aplaudidas do presidente Castelo Branco no Dia do Trabalho. Em seu discurso objetivo e lúcido o presidente da República disse corajosamente que na sociedade brasileira cada um terá a liberdade de produzir mais e ganhar tanto quanto for capaz, desde que não viole a lei, não explore os trabalhadores e consumidores, nem estorve o desenvolvimento do país. Preservando a democracia, aumentará o padrão de vida de todos, restringindo-se os privilégios e desniveis sociais [...] O presidente considera legítima a ascensão dos trabalhadores, dentro da

⁶⁴ CASTELO Branco Presidente – Brasil busca melhores dias. **Jornal Tribuna Criciumense**. 18 à 25 de Abril de 1964. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Criciúma Pedro Milanez. Criciúma, SC.

⁶⁵ AMARAL, Luiz. **Jornalismo matéria de primeira página**. 3.ed. Fortaleza: UFC, 1982. p.18.

liberdade democrática, que não ameaça, não corrompe, não engana. A festa em que Castelo Branco falou, foi realmente uma confraternização da família trabalhadora, que há muitos anos, conforme assinalaram os comentaristas não assistia a um 1º de Maio sem demagogia, e mentiras oficiais⁶⁶.

O apoio do jornal se faz presente, como podemos ver em todos os principais momentos do início da ditadura militar, trazendo aos seus leitores um salvador do país ao que se dá a entender, em que induz a população para que aceitem como uma verdadeira democracia.

Porém, sabemos que foi claramente o contrário, pois em palavras, mostra ao povo que o país teria empregos em fartura, liberdade, o padrão de vida de todos se elevaria, uma liberdade democrática, e ao final ainda colocam que tudo foi falado sem mentiras. Percebemos claramente que, ou o editor do texto estava no ritmo de euforia dos momentos iniciais da ditadura militar, ou estava realmente levando as suas ideias à população de Criciúma e região, que o mais claro, que podemos ver, seria a segunda opção.

O Tribuna Criciumense servia um setor que além de ter poder econômico na cidade, tinha como próprio dono do jornal, um minerador, que levava em si a defesa e os interesses de seus chefes mineradores, para que esses donos da cidade, conforme já vimos não perdessem seu espaço de poder que tinham conquistado.

“Ao considerar a relevância dos jornais enquanto importantes fontes para a pesquisa histórica e compreendê-los como objetos de estudo da própria história é necessário ficar atento aos discursos produzidos neles e por eles”⁶⁷, pois existem muitas questões envolvidas, no que se refere a pensamentos norteadores da opinião pública.

Foram muitos os jornais que foram contra o governo de João Goulart, e por meio disto se revelaram a favor do golpe de estado no ano de 1964, apoiando uma ditadura que atualmente é lembrada como algo extremamente negativo para a história política brasileira, assim como muitas das pessoas que sofreram por terem sua liberdade de expressão retiradas, e colocando no lugar medo e temor, para que não fossem contra o que o governo lhes impunha como única forma de pensar.

⁶⁶A REVOLUÇÃO e a paz social. **Jornal Tribuna Criciumense**. 21 à 26 de dezembro de 1964. Acervo do Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

⁶⁷BEZERRIL, Simone da Silva. Imprensa: objeto de pesquisa para a história política. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**: São Paulo. 2011. p.01.

A ditadura procurou, também, projetar no tempo a consolidação de uma política de esquecimento, que sonegou às gerações posteriores o conhecimento dessa mesma história, através do silêncio. [...] uma história oficial muito distante da realidade concreta⁶⁸.

Com as análises dos dois jornais de Criciúma, podemos perceber pelo menos, então, uma diferença entre os mesmos: um deles era a favor dos direitos dos trabalhadores mineiros, já o outro, que o dono prestava serviços advocatícios para empresa mineradora, o mesmo não mostrava a indignação dos trabalhadores, mas apenas o que as empresas queriam que mostrasse.

Infelizmente, por não ter disponíveis mais jornais no acervo histórico, só pudemos fazer a diferenciação entre os dois a respeito dos trabalhadores mineiros naquele momento (1961-1962) em Criciúma e região.

Porém sobre o golpe, temos acesso, em Criciúma, apenas ao jornal Tribuna Criciumense, já que o objeto de pesquisa são as críticas ao governo Goulart e o golpe e não os problemas relativos aos mineiros e mineradores.

⁶⁸BATISTELLA, Alessandro (Org.). **O Golpe civil-militar de 1964 no Sul do Brasil..** Chapecó: Argos, 2014. p.14.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se constituiu através da análise de um dos períodos mais intensos da política no Brasil, abordando algumas questões a partir da imprensa, pois a mesma teve uma participação forte em torno do período que antecedeu o golpe militar.

A imprensa nacional como vimos, em sua maioria garantiu espaço ao golpe civil-militar ocorrido em 1964, tratando-se da configuração e estratégias dos grupos políticos que estavam contra a política do momento.

Faz-se uma análise simplificada sobre a imprensa, seu surgimento, abordando alguns pontos importantes, para que os meios de comunicações na década de 1960 se fizessem presentes no meio das pessoas.

O principal objeto de estudo foi a imprensa, fazendo uma abordagem nas principais matérias contra o governo Goulart, e posteriormente do golpe civil-militar de 1964, passou a apoiar o golpe, que muitos chamavam naquele momento de Revolução de 1964.

As tensões antes de João Goulart tornar-se Presidente do Brasil, se tornaram cada vez mais forte durante seu governo, que mostrou-se fragilizado através, principalmente, do medo do comunismo, como abordamos, o forte apoio dos Estados Unidos no Golpe, pelo seu medo, de que o Brasil pudesse se tornar em uma nova Cuba.

O governo de João Goulart foi muito criticado por grande parte de toda imprensa nacional e até mesmo em Criciúma, pelo Jornal Tribuna Criciumense, sendo que apoiou firmemente o início da ditadura no país.

A população brasileira desempenhou também um papel de importância durante o processo político. “O conjunto da sociedade brasileira também se politizava e buscava a participação no processo decisório”⁶⁹.

O golpe foi instaurado no Brasil, a partir de 1964, a grande imprensa de todo o país formou-se como um conjunto de apoiadores do governo político autoritário.

Podemos perceber no decorrer deste trabalho que “mesmo, não havendo uma possível intenção para preparação do golpe militar, a imprensa, possivelmente

⁶⁹AGGIO, Alberto; BARBOSA, Agnaldo; COELHO, Hercídia. **Política e Sociedade no Brasil** (1930-1964). São Paulo: Annablume, 2002. p.66.

ajudou a construir um imaginário social negativo sobre o governo Goulart⁷⁰. A partir dessa posição, Pirola expõe que, com ou sem intenção, a imprensa teve sim um papel fundamental para tentar impor na mente das pessoas as questões políticas que era lhes pertinentes.

São também abordadas, mais respectivamente sobre a política brasileira, pelo viés da imprensa de Criciúma representada no atual trabalho pelo Jornal Tribuna Criciumense, algumas questões importantes foram identificadas, para que o conhecimento histórico se faça presente.

Tribuna Criciumense é uma importante fonte para pesquisas, principalmente na década de 1960, que mostra a força política na cidade de Criciúma por um pequeno grupo que disputava o poder econômico da região.

⁷⁰PIROLA, Claudionor Lima. O Golpe Militar de 1964 e sua Preparação e Repercussão em Criciúma. **Revista Santa Catarina em História**. v. 5, n. 2. Florianópolis: UFSC, 2011. p.33.

REFERÊNCIAS

A REVOLUÇÃO e a paz social. **Jornal Tribuna Criciumense**. 21-26.dez.1964. Acervo do Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

ACADEMIA Criciumense de Letras. **Sede da Acle**: "Casa De José Pimentel" Disponível em: <<http://www.acle.com.br/sede.php>>. Acesso em out.2014.

AGGIO, Alberto; BARBOSA, Agnaldo; COELHO, Hercídia. **Política e Sociedade no Brasil (1930-1964)**. São Paulo: Annablume, 2002.

AMARAL, Luiz. **Jornalismo matéria de primeira página**. 3.ed. Fortaleza: UFC,1982.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa (Brasil: 1900 - 2000)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BATISTELLA, Alessandro (org.). **O Golpe civil-militar de 1964 no Sul do Brasil**. Chapecó: Argos, 2014.

BEZERRIL, Simone da Silva. Imprensa: objeto de pesquisa para a história política. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**: São Paulo. 2011.

CASTELO Branco Presidente – Brasil busca melhores dias. **Jornal Tribuna Criciumense**. 18- 25.abr.1964. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Criciúma Pedro Milanez. Criciúma, SC.

CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2008

CHIAVENATO, Júlio José. **O Golpe de 64 e a Ditadura Militar**. São Paulo: Moderna, 1994.

COSTA, Emília Viotti da. **O Supremo Tribunal Federal e a Construção da Cidadania**. São Paulo: UNESP, 2006.

COUTO, Berenice Rojas; GARCIA, Maria Lúcia; MARQUES, Rosa Maria. **Proteção Societa no Brasil e em Cuba**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2012.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Comando geral dos trabalhadores no Brasil: 1961-1964**. Petrópolis: Vozes,1986.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Governo João Goulart e o Golpe de 1964: da construção do esquecimento às interpretações acadêmicas. **Revista Grafia**. v. 9, 2012.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DEMOCRACIA aplaudida em criciúma. **Jornal Tribuna Criciumense**. 11-18.abr.1964. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Criciúma Pedro Milanez. Criciúma, SC.

DICIONÁRIO *On Line* de Português. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/golpe/>>. Acesso em ago.2014.

DOCKHORN, Gilvan Veiga. **Quando a Ordem é Segurança e o Progresso é Desenvolvimento** (1964-1974). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A Conquista do Estado: Ação Política, Poder e Golpe de Classe**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FABRÍCIO, Newton Luís Medeiros. **Peleando Contra o Poder**. Porto Alegre: AGE, 2004.

FELDENS, Dinamara Garcia. **Cartografias da Ditadura e suas moralidades: os seres que aprendemos a ser**. Maceió: EDUFAL, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **João Goulart: Entre a Memória e a História**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FERREIRA, Roberto Martins. **Organização e Poder: Análise do discurso anticomunista do Exército Brasileiro**. São Paulo: Annablume, 2005.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**. v. 24, n. 47. São Paulo: UFRJ, 2004.

GOULART FILHO, Alcides; LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. **O movimento operário mineiro em SC nos anos de 1950 e 1960**. Artigo apresentado na II Jornada Nacional de História do Trabalho. Disponível em: <<http://labhstc.ufsc.br/files/2012/09/1.doc>>. Acesso out.2014.

GRUPO catão: cólicas na consciência. **Jornal de Criciúma**. 31dez.1961. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Criciúma Pedro Milanez. Criciúma, SC.

JORNAL Tribuna Criciumense. 26.jun – 06.jul.1963. Acervo do Arquivo Municipal de Criciúma.

KASPARY, Alceu. **A Sacralização do golpe civil-militar de 1964 em Santa Catarina**. IN BATISTELLA, Alessandro (org.). **O Golpe Civil-Militar de 1964 no Sul do Brasil**. Chapecó: Argos, 2014.

LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. **História do Brasil: Uma Interpretação**. São Paulo: SENAC, 2008.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. **TOPOI**. v. 14, n. 26, jan./jul. 2013.

MOURÃO, Mônica. **Memórias clandestinas: a imprensa e os cearenses desaparecidos na Guerrilha do Araguaia**. Ceará: UFC/UECE, 2005

O POVO é contra a reforma. **Jornal Tribuna Criciumense**. 29.jun – 06.jul.1963. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Criciúma Pedro Milanez. Criciúma, SC.

OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de. **Democracia e defesa nacional**. Barueri/SP: Manole, 2005.

PIROLA, Claudionor Lima. O Golpe Militar de 1964 e sua Preparação e Repercussão em Criciúma. **Revista Santa Catarina em História**. v.5, n.2. Florianópolis: UFSC, 2011

RIBEIRO, Lavina Madeira. **Imprensa e Espaço Público: A Institucionalização do Jornalismo no Brasil (1808-1964)**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Goulart e o Golpe de 1964: Por Uma Nova Historiografia**. Paraíba: UFPB, 2009.

SOCCAS, Marlene de Souza. **Arquivos da Ditadura Militar Instaurada no Brasil em 1964**. 2005. Monografia. (Pós-graduação em História) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. p.17-19.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996.

TOLEDO, Caio Navarro de. **Governo Goulart e o golpe de 64**. Coleção Tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 2004.

VIEIRA, Evaldo. **Brasil: do golpe de 1964 à redemocratização**. IN: MOTA, Carlos Guilherme. Viagem Incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transação. São Paulo: SENAC. 2000.

VILLA, Marco Antônio. **Jango: um Perfil (1945 - 1964)**. São Paulo: Globo. 2004.

VINTE por cento: Aumento aos mineiros. Bonificação espontânea concedida aos mineiros com validade desde 01 de Dezembro. **Jornal Tribuna Criciumense**. 26.jun.- 06.jul.1963. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Criciúma Pedro Milanez. Criciúma, SC.